

ARANTES, Luiz Humberto M. Memória, biografia e cena. Uberlândia/MG: UFU/PPGArtes; Professor Associado I.

RESUMO

Esta proposta de comunicação pretende expor alguns levantamentos acerca dos intercruzamentos entre biografia e memória, como ainda verificar como têm sido realizadas algumas transposições cênicas deste formato narrativo na cena teatral brasileira do século XXI. Para isto pretende-se lançar mão de conceitos acerca da cena contemporânea, sobre subjetividades e estudos de memória, além de verificar isto em alguns estudos de caso encenados por criadores brasileiros.

Palavras-chave: Dramaturgia. Memória. Biografia.

RESUMEN

Esta comunicación consiste en presentar algunos estudios sobre entrecruzamiento entre la biografía y la memoria, sin embargo, como se ha hecho para comprobar cómo algunas transposiciones de este formato de narración escénica en la escena brasileña teatral del siglo XXI. Para ello tenemos la intención de hacer uso de los conceptos de la escena contemporánea, sobre los estudios de la subjetividad y la memoria, y para identificar en algunos casos dramáticos llevada a cabo por los brasileños.

Palabras clave: Dramático. La Memoria. La Biografía.

A palavra ritual sempre esteve presente na arte teatral, seja de maneira mais forte ou apenas como olhar da recepção, por entendê-la como arte do encontro. No que diz respeito ao Ocidente, já desde os gregos a ideia de ritual dionisíaco está presente nesta arte cênica; a proximidade entre rito sagrado e experiência estética acompanhou boa parte de nossos tragediógrafos ocidentais.

Se observarmos a partir do encontro de civilizações — século XVI — ou seja, o encontro entre mundo europeu colonizador e o “novo mundo” americano, também é possível verificar a presença de rituais e teatro. A herança jesuítica se impôs a partir do corpo do indígena, a partir dos rituais da cultura local e daí surgiram textos que perpetuaram uma forma do fazer teatral, em detrimento claro de rituais indígenas de corpo e canto.

A herança dramaturgical — tragédias, comédias, dramas e correlatos textuais — que temos, para alguns, pode indicar o engessamento, a concretização em palavra do rito teatral, mas não pode-se depreender daí a ideia de texto como campo de possibilidades, partitura poética da(s) futura(s) cena(s).

A possibilidade de permanência tem valorizado as textualidades, mas esta permanência também é efêmera, daí a necessidade de refundarmos sua importância a cada instante. O caminho para isto pode ser de duas vias: a

memória da cena, como campo de estudos; e a memória em cena, também como possibilidade de criação e de leitura das formas e temas do passado.

O primeiro caminho nos leva a sublinhar a importância de uma história da cena, das teatralidades, que não aponte apenas para datas, nomes e fatos marcantes, mas que busque possibilidades temporais na escrita desta memória teatral. A memória da cena precisa de escritas plurais, de múltiplos objetos de pesquisa e também de acervos preservados e políticas de acesso público. Eis a prática reflexiva do historiador, da sociologia da arte e da crítica de um modo geral.

O segundo caminho nos direciona para entender a memória como potencialidade para criação cênica, por meio da memória como tema, como jogo, tempos longos, lapsos de tempo que trazem à cena a potencialidade daquilo que Aristóteles chama “as possibilidades daquilo que poderia ter acontecido”. Trata-se aqui não apenas de uma memória cerebral, mas também daquilo que Hans-Thies Lehmann nomeia como uma memória do corpo, das cicatrizes, de uma memória nas paredes e na arquitetura dos espaços. Relatos de vida, biografias, autobiografias, cartas, fragmentos de uma trajetória de vida são material para o processamento da criação cênica e se apresentam como rico material de trabalho para criadores cênicos.

Mas tratar de memória requer entendê-la como problema e como debate, no qual algumas referências teóricas são importantes. Nunca o tema da memória esteve tanto no centro dos debates intelectuais e nos processos de criação quanto a contemporaneidade tem nos mostrado. Falar e escrever sobre memória tem se apresentado como uma urgência da qual não se pode passar despercebido. Vários fatores podem ser mencionados neste processo de retomada, mas sem dúvida, que o surgimento de um equipamento que possui um dispositivo de memória capaz de guardar cada vez mais *megabytes* de dados, parece um elemento importante a ser considerado nesta revalorização do campo da memória. O computador é, sim, um dado novo importante a ser ressaltado, mas é apenas a ponta do *iceberg* nesta discussão que perpassa várias áreas do conhecimento.

Assim, para estudar este vasto panorama há que se entender que para introduzir a ideia de memória é necessário retomar as obras clássicas que a discutem, ou seja, os antigos tratados sobre retórica. Será na história do poeta Simônides, contada por Cícero, em sua obra sobre oratória, uma das narrativas inauguradoras da perspectiva de que é possível estabelecer “técnicas de memória”, pois no banquete de que participava acreditava ser possível recordar os lugares dos convidados à mesa. Realizar, portanto, uma descrição ordenada, selecionando lugares e formando imagens mentais das coisas de que se quer lembrar. Assim, era possível realizar um aprimoramento da memória (YATES, 2007, p. 18).

Além desta passagem de Cícero, não se pode deixar de mencionar o *Ad Herenium*, datado de 86-82 a.C., que versa sobre as cinco partes da memória: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memória*, *pronuntiatio*. Além desta divisão, adotava-se a ideia de que existia uma memória natural e uma artificial, e esta

segunda necessitava ser constantemente aperfeiçoada pelo treinamento, inclusive aprimorando a memória natural. Esta concepção de memória como área auxiliar da retórica irá prevalecer por séculos, alcançando o imaginário de pensadores medievais. O *Ad Herenium* ainda é considerado uma das principais fontes para se estudar a memória como técnica, tanto que os manuais posteriores trilharam caminhos ali já indicados, quais sejam: da necessidade de regras para a memória dos lugares, para a memória das imagens, para a memória das coisas e para o registro das palavras.

A filosofia *bergsoniana* intuicionista do final do século XIX irá ressaltar a importância do tempo como duração, de que há um tempo vivido que se manifesta como consciência, mas também de que o tempo passado não está descolado de um tempo presente. Neste ponto, a memória do passado não é algo distante, não haveria assim rupturas com o presente, mas sim continuidades e permanências do passado no presente.

No pensamento *nietzscheano*, mais especificamente em suas ideias sobre o eterno retorno, a questão da memória possui um lugar, pois é a chave para interrogar o passado, no entanto, as respostas que Nietzsche sugere não devem partir da busca da verdade sobre o passado, pois não é possível recuperar qualquer passado como totalidade. Justamente porque as perguntas são lançadas a partir de um presente histórico que é dinâmico, daí o passado ser uma reconstrução incessante. Assim, a memória, como passado, está sempre retornando num movimento incessante, mas não repetidor, porque insere-se aqui a ideia da memória criadora, da memória do futuro, pois há um presente que pensa e processa tal memória do passado, a partir de um presente reconstituído da passividade e proponente de possibilidades de futuro.

No campo da história, um dos pensadores que mais inspiraram a área a pensar e problematizar a questão da memória foi Maurice Halbwachs, que, a partir do pressuposto de que há uma intrínseca relação entre memória individual e coletiva, propôs que a primeira é uma perspectiva da segunda. Este entendimento propiciou várias análises em que a memória individual, além de possuir características do grupo social que a tornou possível, também é um dado definidor, não exclusivo, de identidades e de nacionalidades.

Deste modo, Halbwachs foi um dos primeiros a pensar “estrutura social da memória”. Assim, memória coletiva (construção social) seria diferente de história escrita (objetiva). Para Halbwachs “as memórias são construídas por grupos sociais. São eles que determinam o que é memorável e também como será lembrado”. A partir da memória coletiva ocorre a identificação dos indivíduos com os acontecimentos que sequer viveram diretamente, mas que por eles são lembrados.

O historiador francês Jacques Le Goff, em *História e Memória*, procura fazer um longo percurso acerca dos estudos em memória, desde os clássicos aos tratamentos atuais acerca das bases virtuais sobre memória; e a memória de computador seria mais um estágio das revoluções nos suportes para a memória. Ao lado de outro historiador francês, Pierre Nora, lembra a separação

que se fez entre memória e história. Os historiadores, por meio de seus registros, mantinham viva essa memória. Lembrar o passado (memória) e escrever sobre ele (história) já não são mais vistos como atividades inocentes. Com o transcorrer do tempo, história e memória revelam-se mais problemáticas e os historiadores passam a levar em conta a influência dos grupos sociais para seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção dos fatos. (LE GOFF, 1994, p. 423).

Nos estudos mais contemporâneos sobre história e memória, tem ocorrido, sem generalizar, uma fragmentação nas abordagens, talvez em decorrência de fragmentações no campo político, as quais também interferem naquilo que deve ser memorizado. Deste modo, os estudos do feminino, dos jovens e os estudos culturais têm incrementado e proposto novas abordagens, sejam teóricas sejam estudos de caso.

A arte literária tem como um de seus pressupostos fundantes a ideia de narração, para isso nunca deixou de valorizar a memória. Para alguns estudiosos, memória é narração. Claro que aqui a ideia de memória ancora-se muito no conceito de experiência, com uma clara matriz de pensamento nas reflexões de Walter Benjamin sobre o tema.

Caso fôssemos listar aqui os escritos que a partir do exercício da memória criaram suas tramas não teríamos páginas suficientes, tantos são os exemplos. Desde personagens vivos, ou mesmo mortos, que narram suas vidas, até mesmo aqueles que narram alguns momentos, mesmo instantes.

Nos últimos trinta anos do século XX, muito se difundiu a importância da leitura de biografias e autobiografias, formatos narrativos em que a memória é a matéria-prima por excelência. Para alguns, reflexo do ressurgimento das subjetividades no campo da política, num mundo pós-crise de ideologias.

Na dramaturgia brasileira, gênero em que os dramaturgos quando aparecem só falam por meio das rubricas, a memória também aparece como importante mote narrativo, desencadeador de conflitos entre passado e presente, caso de Jorge Andrade e de sua extensa obra teatral, publicada e encenada ainda hoje devido aos apelos de memória individual e familiar.

Vivíamos o tempo da aceleração e da velocidade, agora, mais que isto, vivemos o mundo da virtualidade. Nada de melancolia, pois as tecnologias não são totalmente apocalípticas, mas também integradoras. No tocante à memória, registram virtualmente em poucos *megabytes* milhões de *bytes* de informações e as enviam aos quatro cantos do mundo, potencializam o acesso ao que Borges entendia como função primeira da arte, ou seja, acesso à memória do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche**: o eterno retorno e a memória do futuro. In: As Dobras da Memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, pp. 51-63. & MACIEL

Jr., Auterives. A Memória Cósmica e a Emoção Criadora. In: As Dobras da Memória. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, pp. 67-77.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 110p.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: Variedades da História Cultural. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000, pp. 67-89.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico** – escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DRAAISMA, Douwe. **A lousa mágica e Memória: a memória escrita**. In: Metáforas da Memória: uma história das ideias sobre a mente. São Paulo: Edusc, 2005. pp. 27-80.

KANDEL, Eric, R. **Em busca da memória** – o nascimento de uma nova ciência da mente. São Paulo: Cia da Letras, pp. 69-186.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994. pp. 423-484.

LEHMANN, Hans-Thies. Tempo. In: **Teatro Pós-Dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 287-330.

WHITROW, G. J. **O significado de tempo**. In: O que é tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 164-178.

YATES, A. **As Três Fontes Latinas da Arte Clássica da Memória**. In: A Arte da Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, pp. 17-46.